

## CAPÍTULO 1

Katie ia abrindo caminho por entre as mesas, a sentir a brisa vinda do Atlântico a ondular-lhe o cabelo. Carregada com três pratos na mão esquerda e um quarto na direita, usava calças de ganga e uma *T-shirt* com os seguintes dizeres: «Ivan's. Só pelo Linguado, o Nosso Peixe Merece Ser Provado.» Colocou os pratos diante de quatro indivíduos vestidos com camisolas pólo; o que estava mais próximo olhou para Katie e sorriu-lhe. Apesar de ele fingir que estava apenas a ser simpático, ela pressentiu-lhe o olhar cravado nas suas costas à medida que se afastava. Melody mencionara-lhe que os indivíduos tinham vindo de Wilmington e que andavam à procura de locais de filmagens.

Depois de ir buscar o jarro de chá adoçado, tornou a encher-lhes os copos e regressou ao balcão dos empregados de mesa. Varreu a sala com um olhar rápido. Estavam em finais de Abril, a temperatura rondava valores próximos dos ideais e o céu azul estendia-se a perder de vista. Atrás dela, a Intracoastal estava calma apesar da brisa, e parecia espelhar a tonalidade do céu. Havia uma dúzia de gaiivotas empoleiradas na vedação, à espera de que alguém deixasse cair algum resto de comida para se precipitarem para debaixo das mesas.

Ivan Smith, o proprietário, nem as podia ver. Chamava-lhes «ratazanas com asas» e já era a segunda vez que patrulhava a vedação, armado dum desentupidor de canos com cabo de madeira para as tentar afugentar. Melody chegara-se ao ouvido de Katie e confessara-lhe que a preocupava mais onde o desentupidor pudesse ter estado que as próprias gaiivotas. Katie não lhe respondera.

Pôs outra cafeteira de chá ao lume e aproveitou para limpar o balcão. Passado um instante, deu por alguém que lhe tocava no

ombro. Virou-se e deparou com a filha de Ivan, Eileen. Era uma rapariga bonita, de dezanove anos, que usava rabo-de-cavalo e trabalhava no restaurante a tempo parcial como recepcionista.

— Katie... Não te importas de ficar com mais uma mesa?

Katie varreu as mesas com o olhar, contando-as para si própria.

— Claro que não. — Assentiu com a cabeça.

Eileen desceu a escada. Katie ia ouvindo fragmentos de conversa que lhe chegavam das mesas ao redor: clientes que falavam de amigos ou de familiares, do tempo ou da pesca. Viu duas pessoas sentadas a uma mesa de canto a fechar as ementas. Apressou-se a ir ter com elas e a tomar nota do pedido, mas não se demorou a tagarelar, como era hábito de Melody. Não tinha jeito para fazer conversa, mas era eficiente e educada, e, como tal, nenhum dos clientes se mostrava incomodado com isso.

Trabalhava no restaurante desde o princípio de Março. Ivan contratara-a numa tarde fria e soalheira em que o céu estava da cor dos ovos dos picos-de-peito-ruivo. Quando ele lhe dissera que poderia começar a trabalhar na manhã seguinte, teve de recorrer a todas as suas forças para não desatar a chorar à sua frente. Na altura, estava sem um tostão e não comia havia dois dias.

Tornou a encher copos de água e de chá adoçado e dirigiu-se à cozinha. Ricky, um dos cozinheiros, piscou-lhe o olho como sempre. Dois dias antes, convidara-a para sair com ele, mas Katie explicara-lhe que não queria sair com ninguém do restaurante. Tinha o pressentimento de que ele se preparava para insistir e ansiava por que a sua intuição estivesse enganada.

— Alguma coisa me diz que isto hoje não vai abrandar — comentou Ricky. Era louro, alto e esgalgado, talvez um ou dois anos mais novo que ela, e ainda morava em casa dos pais. — Sempre que achamos que temos o serviço quase em dia, lá nos cai mais em cima.

— Está um dia bonito.

— Então, o que é que as pessoas aqui estão a fazer? Num dia como o de hoje, deviam estar na praia ou aproveitar para ir à pesca. Que é precisamente o que tenciono fazer mal ponha os pés daqui para fora.

— Parece-me uma ótima ideia.

— Queres que, depois, te dê boleia para casa?

Ricky oferecia-se para a levar a casa mais ou menos duas vezes por semana. — Obrigada, não vale a pena, eu moro aqui perto.

— Não tem importância — insistiu ele. — Eu teria todo o prazer nisso.

— Andar a pé faz-me bem.

Entregou-lhe o talão com o pedido, e Ricky afixou-o na parede e preparou-se para lhe dar seguimento. Katie levou o pedido para a área por que era responsável e pousou-o em cima duma mesa.

O Ivan's era uma instituição da zona, um restaurante que se achava em funcionamento havia quase trinta anos. Com o tempo, Katie fora aprendendo a reconhecer os clientes habituais e, à medida que atravessava a sala, o seu olhar foi-os percorrendo até chegar às pessoas que nunca vira no restaurante. Casais a namorar, casais a ignorar-se mutuamente. Famílias. Embora ninguém lhe parecesse deslocado nem tivesse perguntado por ela, ainda havia momentos em que as mãos lhe tremiam e até hoje dormia com a luz acesa.

Tinha o cabelo curto, dum tom castanho-escuro; estivera a pintá-lo no lava-loiças da cozinha do chalé minúsculo que alugara. Não usava maquilhagem e sabia que acabaria por ficar bronzeada, talvez até de mais. Lembrou-se de comprar protector solar, contudo, depois de pagar a renda e de comprar alguns utensílios para o chalé, não lhe sobrava muito dinheiro para luxos. Um simples protector solar já saíria fora do seu orçamento. Ivan era bom patrão, e Katie estava satisfeita por estar a trabalhar no restaurante, mas os pratos eram em conta e isso implicava que as gorjetas também não fossem muito generosas. Quatro meses a alimentar-se à base de arroz e feijão, massa e farinha de aveia tinham-lhe feito perder peso. Sentia as costelas por debaixo da camisola e, até escassas semanas atrás, tinha umas olheiras tão profundas que receara nunca mais se livrar delas.

— Quer-me parecer que aqueles tipos ali te estão a controlar — disse-lhe Melody, inclinando a cabeça na direcção da mesa a que estavam sentados os quatro indivíduos. — Sobretudo o de cabelo castanho. O mais giro de todos.

— Oh — disse Katie. Pôs outra cafeteira ao lume. Fosse qual fosse a resposta que desse a Melody, poderia ter a certeza de

que haveria de circular pelos empregados e, por conseguinte, em geral Katie fazia por dizer o menos possível.

— O quê!? Não me digas que não o achas giro?

— Para ser franca, nem reparei.

— Como é possível que não repares que um tipo é giro? — Melody fitou-a com ar de perfeita incredulidade.

— Não sei — respondeu-lhe Katie.

À semelhança de Ricky, Melody também era alguns anos mais nova que ela, teria talvez uns vinte e cinco. Moça espevitada, de cabelo castanho-avermelhado e olhos verdes, namorava com um rapaz chamado Steve, que fazia entregas para a loja de artigos de *bricolage*, situada no outro lado da cidade. À semelhança de todos os outros empregados do restaurante, nascera e fora criada em Southport, que considerava ser um paraíso para as crianças, as famílias e os idosos, mas o sítio mais desolador do mundo para os solteiros. Pelo menos uma vez por semana, dizia a Katie que tencionava mudar-se para Wilmington, que tinha bares, clubes e muito mais lojas a oferecer. Parecia saber tudo a respeito de toda a gente. A bisbilhotice, pensava Katie às vezes, era a verdadeira profissão de Melody.

— Eu ouvi o Ricky convidar-te para sair — comentou ela, mudando de assunto —, mas tu não aceitaste.

— Não gosto de sair com colegas de trabalho. — Katie fingiu que estava absorvida na arrumação dos tabuleiros dos talheres.

— Nós podíamos sair os quatro. O Ricky e o Steve costumam ir pescar juntos.

Katie interrogou-se se teria sido Ricky a convencê-la ou se a ideia partira de Melody. Talvez ambas as coisas. Ao serão, depois de o restaurante encerrar, a maior parte dos funcionários demorava-se um bocado por lá, a conversar enquanto saboreava umas cervejas. À excepção de Katie, todos eles trabalhavam no Ivan's havia anos.

— Não me parece que seja boa ideia — obstou ela.

— Então, porquê?

— Em tempos, já tive uma má experiência — justificou-se Katie. — Numa saída com um colega de trabalho, quero eu dizer. Desde então adoptei a regra de não tornar a cair no mesmo erro.

Melody revirou os olhos e apressou-se a ir atender uma das mesas. Katie entregou duas contas e levantou mesas vazias. Andava sempre ocupada, como era seu hábito, esforçando-se por ser eficiente e por passar despercebida. Mantinha a cabeça baixa e fazia o possível por que o seu balcão estivesse sempre impecável. Era uma maneira de o dia passar mais depressa. Não incentivou os avanços do rapaz do estúdio e, quando este se foi embora, nem sequer olhou para trás.

Katie fazia os turnos do almoço e do jantar. À medida que o dia cedia lugar à noite, adorava ver o céu a passar de azul a cinzento, de laranja a amarelo na orla ocidental do mundo. Ao pôr do Sol, a água cintilava e os barcos à vela adernavam ao sabor da brisa. As agulhas dos pinheiros pareciam brilhar. Mal o Sol se escondia por detrás do horizonte, Ivan ligava os aquecedores a gás propano, e os tubos em espiral iluminavam-se como abóboras no Halloween. Katie tinha a cara ligeiramente vermelha do sol, e as ondas de calor radiante provocavam-lhe ardor.

Abby e Big Dave substituíam Melody e Ricky ao jantar. Abby era uma finalista do secundário que passava a vida na risota, e Big Dave havia quase vinte anos que trabalhava na cozinha no Ivan's. Era casado, tinha dois filhos e um escorpião tatuado no antebraço direito. Pesava perto de cento e cinquenta quilos e, quando estava na cozinha, a sua cara estava sempre reluzente de transpiração. Tinha o hábito de pôr alcunhas a toda a gente; a dela era Katie Kat.

A hora de maior afluência do jantar prolongou-se até às nove. Quando o serviço começou a abrandar, Katie tratou do fecho e limpou o balcão. Enquanto os últimos clientes não se despachavam, auxiliou os ajudantes a levar pratos para o lava-loiças. Entre aqueles, estava um jovem casal, e, quando deram as mãos por cima da mesa, Katie reparou-lhes nas alianças. Eram atraentes e felizes, e ela teve uma sensação de *déjà-vu*. Em tempos havia muito idos, também fora assim, ainda que por um instante fugaz. Ou pelo menos ela acreditara que assim era, até descobrir que tudo não passara duma ilusão. Katie desviou a atenção do casal feliz, ansiosa por apagar aquelas recordações para sempre e nunca mais voltar a ter a mesma sensação.

## CAPÍTULO 2

Na manhã seguinte, Katie saiu para o alpendre com uma caneca de café na mão, ouvindo as tábuas do soalho a ranger debaixo dos seus pés, e debruçou-se sobre o parapeito. Reparou nos lírios a brotar entre as ervas daninhas naquilo que em tempos fora um canteiro e ergueu a caneca, saboreando o aroma enquanto bebia um gole.

Gostava de ali morar. Southport era completamente diferente de Boston, de Filadélfia ou de Atlantic City, com o barulho incessante do trânsito, os cheiros e as pessoas apressadas pelos passeios, e era a primeira vez na vida que tinha um lar a que podia chamar seu. O chalé era uma de duas estruturas idênticas situadas ao fundo dum carreiro de gravilha, antigos pavilhões de caça com paredes de pranchas de madeira, aninhados contra um pequeno arvoredo de carvalhos e pinheiros na orla duma floresta que se estendia até ao litoral. A sala de estar e a cozinha eram pequenas, e o quarto não tinha roupeiro, mas o chalé estava mobilado, cadeiras de baloiço no alpendre da frente incluídas, e a renda era uma pechincha. A casa não estava degradada, mas cheia de pó de anos ao abandono, e o senhorio oferecera-se para comprar os materiais necessários se Katie se comprometesse a pô-la impecável. Desde que se mudara para ali, passara grande parte do tempo de gatas ou empoleirada numa cadeira, a fazer precisamente isso. Esfregara a casa de banho até ficar um brinco; lavara o tecto com um pano húmido. Limpou as janelas com vinagre e passara horas de joelhos, a fazer o possível por arrançar a ferrugem e a fuligem do linóleo da cozinha. Enchera os buracos nas paredes com silicone e em seguida aplicara-lhes uma lixa

até ficarem lisos. Pintara as paredes da cozinha duma tonalidade de amarelo-cereja e os armários de branco acetinado. O quarto dela era agora azul-claro, a sala de estar bege e, na semana anterior, pusera uma capa nova no sofá, e este ficara praticamente como novo.

Com o grosso do trabalho já para trás das costas, gostava de passar as tardes sentada no alpendre da frente a ler livros que requisitara na biblioteca. Para além do café, a leitura era o seu único capricho. Não tinha televisão, nem rádio, nem telemóvel, nem microondas, nem tão-pouco automóvel, e os seus pertences cabiam todos dentro dum saco. Estava com vinte e sete anos, uma antiga loura de cabelo comprido que não tinha verdadeiros amigos. Mudara-se para ali praticamente de mãos a abanar e, meses volvidos, continuava a não ter quase nada de seu. Poupava metade do que ganhava em gorjetas e, todas as noites, guardava as notas enroladas dentro duma lata de café que escondia no vão por debaixo do alpendre. Tinha aquele dinheiro de parte para uma situação de emergência e preferia passar fome a tocar-lhe. Só o facto de saber que ali estava era suficiente para ela respirar de alívio, pois o passado andava sempre por perto e poderia regressar a qualquer momento. Deambulava pelo mundo à procura dela, e Katie sabia que, a cada dia que passava, ele ia ficando mais colérico.

— Bom dia — cumprimentou uma voz, interrompendo-lhe o curso dos pensamentos. — Deve ser a Katie.

Katie deu meia-volta. No alpendre abaulado da casa vizinha, viu uma mulher com uma cabeleira castanha rebelde a acenar-lhe. Aparentava trinta e poucos anos e usava calças de ganga e uma camisa abotoada com as mangas arregaçadas à altura dos cotovelos. Trazia uns óculos escuros aninhados no emaranhado de caracóis no alto da cabeça. Tinha um pequeno tapete na mão e parecia hesitante entre sacudi-lo ou não, até que por fim o pôs de parte e se acercou de Katie. Movimentava-se com a energia e a desenvoltura dalguém habituado a praticar desporto.

— O Irv Benson contou-me que agora somos vizinhas.

«O senhorio», pensou Katie. — Não me apercebi de que essa casa tinha sido ocupada.

— Acho que ele também não. Quando eu lhe disse que aceitava ficar com ela, pouco faltou para cair da cadeira. — Entretanto, já chegara ao alpendre de Katie e estendeu-lhe a mão. — Os meus amigos tratam-me por Jo — disse-lhe.

— Olá — cumprimentou-a Katie, estendendo-lhe por sua vez a sua.

— Já viu este tempo? Está maravilhoso, não acha?

— Está uma linda manhã — concordou ela, deslocando o peso dum pé para o outro. — Quando foi que se mudou para cá?

— Ontem à tarde. E depois, alegria das alegrias, passei a noite quase toda a espirrar. Dá ideia de que o Benson andou por aí a apanhar o pó todo que consegui e o encafuou em minha casa. Nem imagina o estado em que aquilo está.

Katie acenou com a cabeça em direcção à porta. — A minha casa estava na mesma.

— Pois olhe que ninguém diria. Desculpe, mas, quando estava na minha cozinha, não resisti a dar uma espreitadela pelas suas janelas. A sua casa tem um aspecto alegre e asseado. Eu, por outro lado, aluguei uma masmorra poeirenta e cheia de teias de aranha.

— Mister Benson deu-me autorização para a pintar.

— Não duvido! Desde que Mister Benson não tenha de mexer uma palha, aposto que também me autoriza a pintar a minha. Ele fica com uma casa bonita e limpa, e eu arco com o trabalho todo às costas. — Rasgou um sorriso. — Há quanto tempo é que aqui mora?

Katie cruzou os braços diante do peito, sentindo o sol matinal a começar a aquecer-lhe a cara. — Vai para dois meses.

— Não sei se aguentarei tanto tempo. Se continuar a espirrar como espirrei a noite passada, o mais provável é que a cabeça me caia antes disso. — Pegou nos óculos escuros e começou a limpar as lentes à camisa. — E está a gostar de Southport? É um mundo completamente à parte, não acha?

— À parte, como?

— Pelo seu sotaque, não me parece que seja daqui. Veio donde, talvez do Norte, não?

Após uma leve hesitação, Katie assentiu com a cabeça.

— Foi a impressão que me deu — prosseguiu Jo. — E é preciso um certo tempo para nos habituarmos a Southport. Quero dizer, eu sempre adorei esta terra, mas sou suspeita, porque sempre gostei de cidades pequenas.

— É daqui da zona?

— Cresci aqui, fui-me embora e acabei por regressar. A mesma velha história de sempre, não é verdade? Para além do mais, não sei em que outro lugar poderia arranjar uma casa tão poeirenta como esta.

Katie esboçou-lhe um sorriso, e as duas quedaram-se algum tempo em silêncio. Jo parecia contentar-se em olhar para ela, à espera de que fosse ela a tomar a iniciativa. Katie bebeu um gole de café, de olhar perdido no bosque, até que se lembrou das boas maneiras.

— Aceita um café? Acabei de preparar uma cafeteira.

Jo tornou a empoleirar os óculos escuros no cocuruto, prendendo-os entre os caracóis. — Confesso que estava à espera de que me oferecesse. Um café saber-me-ia *lindamente*. Ainda tenho as coisas da cozinha todas encaixotadas, e o meu carro está na oficina. Faz ideia de como será enfrentar o dia sem cafeína?

— Sim, faço.

— Bom, fique desde já sabendo que sou viciada em cafeína. Sobretudo num dia que vai ser passado a desencaixotar coisas. Por acaso já lhe terei dito que detesto desencaixotar coisas?

— Creio que não.

— Deve ser a tarefa mais deprimente à face da terra. Termos de descobrir onde é que havemos de encafuar cada coisa, sempre a batermos com os joelhos contra tudo. Não se preocupe... Não sou o género de vizinha capaz de pedir ajuda para isso. Embora, quanto ao café, já não possa dizer o mesmo...

— Esteja à vontade. — Katie fez-lhe sinal para que entrasse. — Só lhe peço que tenha em consideração que a maior parte da mobília já cá estava antes de mim.

Atravessou a cozinha, tirou uma caneca do armário e encheu-a até acima. Estendeu-a a Jo. — Peço desculpa, mas não tenho natas nem açúcar.

— Passo bem sem eles — tranquilizou-a Jo, aceitando a caneca. Soprou o café antes de beber um gole. — Pronto, já é oficial — acrescentou ela. — A partir de agora, és a minha melhor amiga no mundo inteiro. Isto está *tããããõ* bom!

— Não tens de quê — disse Katie.

— Então, segundo o que o Benson me contou, trabalhas no Ivan's?

— Sou empregada de mesa.

— E o Big Dave ainda lá trabalha? — Quando Katie acenou com a cabeça em resposta afirmativa, ela prosseguiu: — Lembrou-me de o ver lá ainda eu andava no secundário. Continua a ter a mania de pôr alcunhas a toda a gente?

— Continua — disse ela.

— Então, e que é feito da Melody? Ainda não perdeu o hábito de reparar na aparência dos clientes?

— Todo o santo dia.

— E o Ricky? Continua a meter-se com as empregadas novas?

Ao ver Katie assentir novamente com a cabeça, Jo soltou uma gargalhada. — Aquele restaurante há-de ser sempre o mesmo.

— Já lá trabalhaste?

— Não, mas a cidade é pequena, e o Ivan's é uma instituição. Para além do mais, quanto mais tempo cá morares, mais te irás aperceber de que segredos é coisa que aqui não existe. Toda a gente está a par da vida de toda a gente, e algumas pessoas como, digamos... a Melody... fizeram da bisbilhotice uma arte. Eu costumava ir-me aos arames com isso. Está claro que metade dos habitantes de Southport é tal e qual a mesma coisa. Aqui não há muito mais que fazer para além de coscuvilhar.

— Mas, apesar disso, voltaste.

Jo encolheu os ombros. — Pois, lá isso foi. O que queres que te diga? Talvez goste de malucos. — Bebeu outro gole de café e acercou-se da janela. — Sabes, enquanto cá morei, nunca dei pela existência destas duas casas.

— O senhorio disse-me que eram pavilhões de caça. Antes de ele se decidir a arrendá-las, faziam parte da plantação.

Jo abanou a cabeça. — Ainda me custa a acreditar que te mudaste para um sítio destes.

— Bom, não fui a única — salientou Katie.

— Lá isso é verdade, mas só porque sabia que não seria a única mulher a viver ao fundo duma estrada de gravilha perdida no meio de nenhures. Isto aqui é um bocado isolado.

«Razão pela qual eu fiquei mais que satisfeita ao vir para cá morar», pensou Katie para consigo. — Não é assim tão mau quanto isso. Eu habituei-me depressa.

— Espero bem que também me consiga habituar — disse Jo. Tornou a soprar o café para o arrefecer. — Então, e o que foi que te trouxe até Southport? A perspectiva duma carreira brilhante no Ivan's não deve ter sido com certeza. Tens família na zona? Pais? Irmãos?

— Não — respondeu-lhe Katie. — Só me tenho a mim.

— Vieste atrás dalgum namorado?

— Não.

— Então, apeteceu-te vir morar para cá... Assim, sem mais nem menos?

— Foi.

— E por que carga-d'água haveria alguém de se lembrar de tal coisa?

Katie escusou-se a responder-lhe. Já ouvira precisamente as mesmas perguntas a Ivan, a Melody e a Ricky. Sabia que não escondiam segundas intenções, que se tratava de mera curiosidade, mas mesmo assim, nunca sabia bem que resposta lhes havia de dar que não fosse a verdade.

— Precisava dum sítio onde pudesse começar de novo.

Jo bebeu outro gole de café, com ar de quem matutava no que acabara de ouvir, mas, para grande surpresa de Katie, não insistiu, limitando-se a assentir com a cabeça.

— Faz sentido. Há alturas na vida em que começar de novo é tudo quanto uma pessoa precisa. E, a mim, parece-me uma decisão admirável. Há muito boa gente que não tem coragem para isso.

— Achas que sim?

— Não acho, tenho a certeza — frisou ela. — Então, e qual é o teu programa para hoje? Enquanto eu vou passar o dia a lamuriar-me, a desencaixotar e a esfregar até ficar com as mãos em carne viva?

— Vou ficar a trabalhar até tarde. Mas, para além disso, pouco mais. Tenho de passar pelo armazém para trazer meia dúzia de coisas.

— Vais passar primeiro pelo Fisher's ou vais directamente para a cidade?

— Vou primeiro ao Fisher's.

— Já alguma vez viste o proprietário? Um fulano de cabelo grisalho?

Katie assentiu com a cabeça. — Uma vez por outra.

Jo acabou de beber o café, pousou a caneca no lava-loiças e soltou um suspiro. — Está bem — disse, num tom que de entusiástico pouco tinha. — Já chega de estar para aqui a adiar. Se não começar já, nunca mais me despacho. Deseja-me boa sorte.

— Boa sorte.

Jo acenou-lhe em despedida. — Foi um prazer conhecer-te, Katie.

\* \* \*

Pela janela da cozinha, Katie viu Jo a sacudir o tapete que havia pouco pusera de parte. Parecia-lhe ser bastante simpática, mas Katie não sabia se estava preparada para ter uma vizinha. Embora talvez fosse agradável ter uma pessoa que pudesse visitar de quando em vez, acostumara-se a estar sozinha.

A verdade, porém, era que o facto de morar numa cidade pequena implicava que o seu isolamento voluntário tinha os dias contados. Teria de ir para o emprego, às compras e de andar pela rua; alguns dos clientes do restaurante já a cumprimentavam quando passavam por ela. E, para além do mais, tinha de admitir que gostara de conversar com Jo. Sem saber precisar ao certo porquê, pressentia que havia qualquer coisa em Jo que escapava à primeira vista, qualquer coisa... digna de confiança — porquê, não sabia explicar. E também era solteira como ela, o que era uma vantagem indiscutível. Katie não sabia qual teria sido a sua reacção caso tivesse sido um homem a mudar-se para a casa vizinha, e perguntou-se por que fora que nunca considerara essa possibilidade.

Lavou as canecas no lava-loiças e tornou a guardá-las no armário. O gesto era-lhe tão familiar — guardar duas canecas depois do café matinal — que se sentiu momentaneamente tragada pela vida que deixara para trás. As mãos começaram a tremer-lhe e, entrelaçando-as com firmeza, respirou fundo algumas vezes até elas tornarem a sossegar. Dois meses atrás, não teria sido capaz de fazer isto; mesmo duas semanas antes, pouco ou nada poderia ter feito para as conseguir aquietar. Apesar de estar satisfeita por se saber capaz de controlar os acessos de ansiedade, isso também significava que se estava a acomodar à casa. E isto era para ela motivo de apreensão, pois colocava-a em risco de baixar a guarda, e esse era um luxo a que nunca mais na vida se poderia dar.

Apesar de tudo, estava contente por ter ido parar a Southport. Tratava-se duma pequena cidade histórica com escassos milhares de habitantes, localizada na foz do rio Cape Fear, precisamente no local onde este se cruza com a Intracoastal. Era uma cidade com passeios, árvores frondosas e flores que desabrochavam no solo arenoso. As barbas-de-velho pendiam dos galhos das árvores, enquanto o *kudzu* trepava pelos troncos encarquilhados. Já vira crianças a andar de bicicleta e a jogar *kickball* na rua e ficara impressionada com a quantidade de igrejas, uma em quase todas a esquinas. À noite, ouviam-se os grilos e as rãs, e Katie lembrou-se uma vez mais de que, logo nos primeiros tempos, tivera a impressão de estar no lugar certo. Southport transmitia-lhe uma sensação de *segurança* que ela não sabia explicar, como se havia muito chamasse por ela, um refúgio cheio de promessas.

Katie calçou o único par de sapatos que tinha, uns ténis *Converse* muito gastos. A cómoda estava praticamente vazia e não havia quase comida nenhuma na cozinha, contudo, mal transpôs a porta da rua e se viu ao sol a caminho do armazém, pensou: «Estou em casa.» Ao inalar profundamente uma lufada de ar perfumado de jacinto e de relva acabada de cortar, sentiu que havia anos não era tão feliz.